

ESTÁGIO CIÊNCIA VIVA - CREATOUR

creatour.pt
turismo criativo
portugal

 **ces**
Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

CIÊNCIA VIVA 

Introdução

Entre 4 e 8 de setembro, no âmbito do projeto *CREATOUR - Investigação para o desenvolvimento de uma rede de turismo criativo em Portugal* foi realizado um estágio Ciência Viva, com o objetivo de criar/apresentar uma proposta de projeto de turismo criativo a implementar na cidade de Coimbra. Ao longo da semana, foi desenvolvido algum trabalho de investigação através de revisão bibliográfica e análise comparativa de estudos de caso, bem como visitas de campo ao município de Coimbra para recolha de dados e diagnóstico *in loco* através do mapeamento cultural. A presente publicação tem como objetivo apresentar as atividades realizadas e os resultados obtidos.

Turismo Criativo e projeto CREATOUR

O turismo criativo surge como resposta à massificação do turismo cultural. Tem como objetivo a imersão na cultura local por parte do turista, através de experiências de aprendizagem e criação.

No âmbito do turismo criativo, aparece o projeto CREATOUR, que tem como grande finalidade a criação de uma rede de destinos turístico-criativos em Portugal, em zonas rurais e cidades de pequena dimensão. É pretendida a aplicação de 40 pilotos, sendo que 20 já estão a ser desenvolvidos.

O projeto investigará e avaliará os pilotos, o que permitirá inferir se os mesmos têm impacto positivo ou negativo em todo o seu meio, além de possibilitar a comparação entre as consequências do turismo cultural comum e o turismo criativo.

Seguidamente, realizou-se um exercício de criação, na lógica das atividades de turismo criativo, no qual se produziu um cartaz de promoção do mini piloto, integrando elementos identificativos de todas as lendas.

Focus Group

Ao longo da semana fizemos 2 Focus Group, onde foram abordadas diferentes questões, que nos permitiram de uma forma geral definir o tipo de público-alvo em que estamos inseridos: adolescentes.

No primeiro Focus Group foram abordadas as seguintes questões:

- P1. Como são as tuas férias? (Onde vais? O que fazes?);
- P2. O que mais gostas de fazer nas férias?
- P3. Que atividades gostas de fazer fora das férias?
- P4. Como ficas a saber dessas atividades?

No segundo Focus Group foram abordadas questões relativas aos projetos piloto do CREATOUR que nos foram apresentados:

- P5. Que destino mais/menos gostaste?
- P6. Que atividades criativas mais gostavas de experimentar? Porquê?

Após analisar e cruzar dados relativos às respostas concluiu-se que, de uma forma genérica, os adolescentes fazem praia e turismo cultural, gostam de atividades ao ar livre e de gastronomia, de música, de passear/estar com os amigos/ explorar e ficam a saber das atividades por amigos e redes sociais, tendo como destino menos apreciado o Algarve, e com maior preferência Centro e Alentejo.

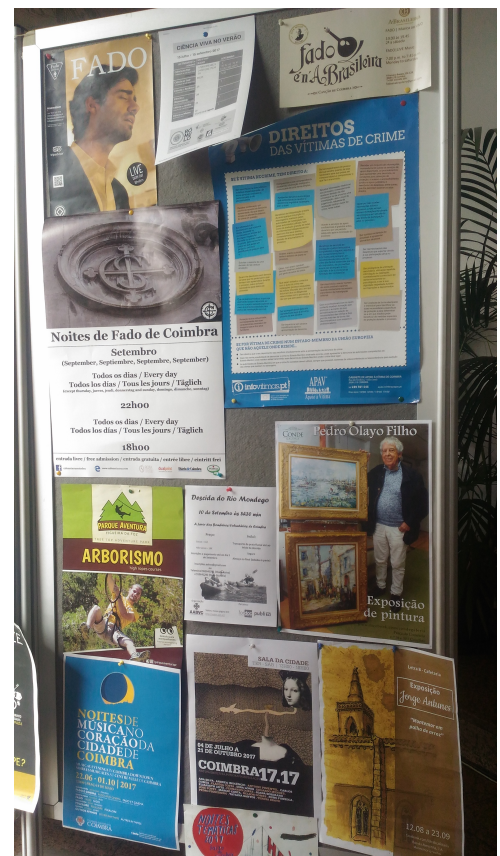
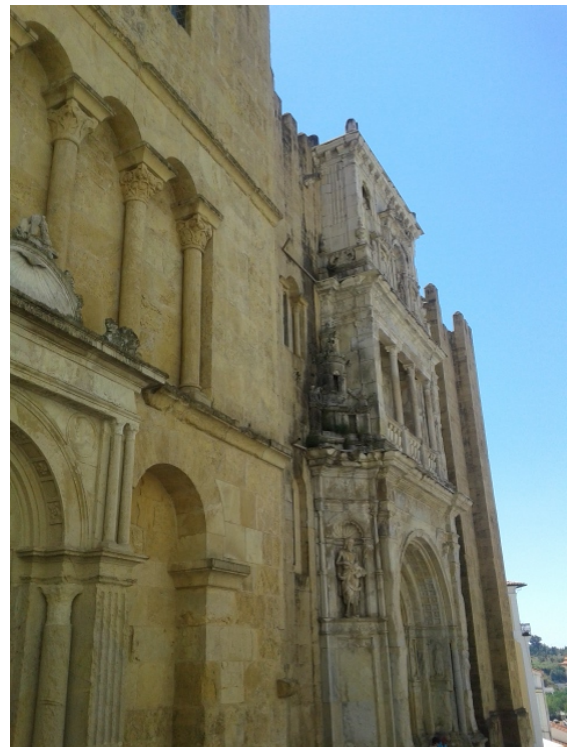
Apesar destas conclusões consideramos que estas apresentam dados insuficientes para definir um perfil mais preciso do público-alvo pois:

- 1) As perguntas foram pouco específicas levando a respostas pouco desenvolvidas;
- 2) A amostra estudada era muito pequena (5 indivíduos)

Visitas de Campo

Ao longo da semana, fizemos diversas visitas de campo, onde pudemos **observar, registrar e documentar** a “rotina” de diversos turistas, podendo assim traçar de melhor forma o perfil do turista em Coimbra, no âmbito de analisar os espaços mais frequentados por estes, bem como os pontos de atração turística.

Locais visitados: Universidade De Coimbra (Pátio das escolas, Jardim Botânico, Museu Machado de castro, etc.), o centro histórico (Sé velha, quebra costas, Almedina) e a baixa de Coimbra (Igreja de Santa Cruz, Pátio da Inquisição, Largo da Portagem), e além destes, visitou-se ainda a Praça da República, os Postos de Turismo, a Biblioteca Municipal De Coimbra e o Jardim da Sereia.



Pesquisa

Realizou-se pesquisa online e bibliográfica. Através da pesquisa online, foram analisados os pilotos CREATOUR no sentido de compreender o tipo de atividades criativas existentes. Pelo mesmo meio, foram pesquisadas as lendas da cidade de Coimbra, para utilização posterior no roteiro turístico do mini piloto, em progresso. Na procura de lendas coimbrenses, houve uma deslocação à Biblioteca Municipal, da qual não se obteve resultados.

Brainstorming

Identificação de atrações turísticas e elementos culturais de Coimbra

- Fado (Património da UNESCO)
- Sés/ Igrejas
- Polo I da Universidade (Pátio das Escolas, Biblioteca Joanina, Torre, entre outros.)
- Portugal dos Pequenitos
- Museu Machado de Castro
- Jardim Botânico
- Jardim da Sereia
- Penedo da Saudade
- Quinta das Lágrimas

Ideias de atividades a realizar

- Ser preso académico por um dia
- Workshop de Fado/ Tuna
- Fadista/ Tuno por um dia
- Um dia no Museu da Ciência/ Cientista por um dia
- Caça às Lendas

Mini piloto

Após o exercício de *Brainstorming*, decidiu-se unanimemente a “ideia” que, como piloto, melhor se aplicaria na cidade de Coimbra. Determinou-se que um roteiro turístico baseado nas lendas coimbrenses, com atividades de turismo criativo, seria mais atrativo para o público-alvo pretendido (jovens). Inicialmente, estava prevista a disposição do percurso conforme a ordem cronológica das lendas, o que foi posto de parte após a definição de um melhor trajeto. O itinerário do mini piloto teria paragens no Pátio das Escolas, a aludir às lendas de *Coluber Briga* e de Cindazunda; de seguida na Sé Velha, em referência ao Milagre das Rosas; posteriormente na ponte Santa Clara, remetendo à lenda de Mon Diego; no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, a respeito da lenda do pajem da rainha e, por fim, na Quinta das Lágrimas, devido à história de D. Pedro e Inês de Castro.

- Lenda de Coluber → Pátio das Escolas
- Lenda da Cindazunda → Pátio das Escolas
- Lenda do Mondego → Ponte Santa Clara
- Milagre das Rosas → Sé Velha
- Lenda do Pajem → Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
- História de Pedro e Inês → Quinta das Lágrimas



Seguidamente, realizou-se um exercício de criação, na lógica das atividades de turismo criativo, no qual se produziu um cartaz de promoção do mini piloto, integrando elementos identificativos de todas as lendas.



Lendas de Coimbra

LENDA DE COLUBER

Diz essa lenda que em tempos houve na cidade uma princesa que era muito amada por um esforçado cavaleiro. Este tinha tentado por todos os meios ao seu alcance casar com ela, mas os pais da jovem não consentiram, porque nenhum feito até então realizado era considerado suficientemente honroso e merecedor da princesa! O moço estava já a desesperar quando, de súbito, um pavor enorme tomou conta da cidade: apareceu, vinda dos céus, uma terrível e grande serpente que ameaçava destruir tudo o que encontrasse à sua frente. Conta a lenda que o povo chamava à serpente Coluber, sem, contudo, nos deixar dito porquê.

A princesa, ansiando que o cavaleiro – que sabia corajoso como poucos – mostrasse o seu valor aos pais, inventou um estratagema para tornar possível a aproximação do rapaz. Pediu aos pais que mandassem anunciar na cidade que ela casaria com o cavaleiro que matasse a serpente. Os soberanos aceitaram a aposta e os arautos anunciaram por todo o lado a vontade da princesa. Muitos foram os cavaleiros que se apresentaram. Contudo, só o enamorado da princesa teve coragem suficiente de se aproximar da toca de Coluber.

Desmontou do cavalo e acendeu à boca da gruta uma fogueira. Com o manto fez entrar todo o fumo que pôde, para obrigar a serpente a sair, e de facto, pouco tempo depois, o monstro saía meio sufocado. De espada em punho, o cavaleiro tentou cortar-lhe a cabeça, mas falhou, ao mesmo tempo que o instinto de defesa da serpente despertava. Deu-se então uma luta fantástica, em que o cavaleiro esteve por várias vezes a pontos de sucumbir apertado pelos anéis de Coluber. Num golpe de sorte e perícia, porém, conseguiu cortar a cabeça da serpente, quando estava já a atingir o desespero. Os pais da jovem cumpriram o prometido e foi assim que o cavaleiro matador de Coluber conseguiu a mão da sua amada princesa.

Acrescenta a lenda que, no local onde a serpente foi morta, fundou-se uma povoação a que deram o nome de Coluber Briga, que significa «Batalha da Cobra».

LENDA DA CINDAZUNDA

Após ter destruído Conímbriga, Ataces, rei dos Alanos, dedicou-se à fundação de uma nova cidade na margem direita do rio Mondego. Estava Ataces embrenhado a dirigir a

edificação dessa nova Coimbra, no local da romana *Aeminium*, quando surgiu o rei suevo Hermenerico com o seu exército, sedento de vingança pelas derrotas sofridas. Tão sangrento foi o combate entre os dois exércitos que as águas do Mondego se tingiram de vermelho.

Hermenerico é forçado a retirar-se para norte, mas Ataces foi em sua perseguição e o rei suevo vê-se obrigado a capitular. Oferece a Ataces a mão da sua filha, a bela princesa Cindazunda, que desde logo se enamorou perante a beleza da jovem.

Regressados a Coimbra para os esposais, o rei dos Alanos decide perpetuar o seu casamento dando a Coimbra um brasão comemorativo do acontecimento.

Nele, surge uma taça que simboliza o casamento da princesa Cindazunda com Ataces. Ladeiam a taça um leão, timbre de Ataces e um dragão, timbre de Hermenerico.

LENDA DO MONDEGO

Era uma vez uma princesa moura que vivia na Serra da Estrela. Um dia, passou por ali um cavaleiro francês e viu a linda moura. Diego era o seu nome, casou com ela e foram muito felizes.

Um dia, porém, o rei do seu país mandou-o chamar para combater os inimigos que estavam a atacar o seu país. Diego abandonou o castelo da serra da Estrela, cavalgando, cavalgando...

Sozinha, a princesa chorava e chamava:

- Mon Diegooo!... Mon Diegooo!...

E tanto chorou, a chamar pelo seu cavaleiro, que as lágrimas formaram um rio a deslizar pela serra enquanto o eco da sua voz se espalhava pelo ar:

Mon Diegooo!... Mon Diegooo!...

Com o tempo, as palavras da princesa perderam-se no vento, mas ao passar em Coimbra, no Choupal, as águas do rio gemem imitando as lágrimas da princesa: Mondego! Glu... Glu... Glu...

LENDA DO MILAGRE DAS ROSAS

Conta a lenda que o rei D. Dinis foi informado sobre as ações de caridade da rainha D. Isabel e das despesas que implicavam para o tesouro real.

Um dia, o rei decidiu surpreender a rainha numa das suas habituais caminhadas para distribuir esmolas e pão aos necessitados.

Reparou que ela procurava disfarçar o que levava no regaço. D. Dinis perguntou à rainha onde ia e ela respondeu que se dirigia ao mosteiro para ornamentar os altares. Não satisfeito com a resposta, o rei mostrou curiosidade sobre o que ela levava no regaço.

Após alguns momentos de atrapalhão, D. Isabel respondeu: "São rosas, meu senhor!". Desconfiado, o rei acusou-a de estar a mentir, uma vez que não era possível haver rosas em janeiro.

Obrigou-a, então, a abrir o manto e revelar o que estava lá escondido. A rainha Isabel mostrou, perante os olhos espantados de todos, as belíssimas rosas que guardava no regaço. Por milagre, o pão que levava escondido tinha-se transformado em rosas.

O rei ficou sem palavras e acabou por pedir perdão à rainha que prosseguiu com a sua intenção.

A notícia do milagre correu a cidade de Coimbra e o povo proclamou santa a rainha Isabel de Portugal.

LENDA DO PAJEM

Como é sabido um dos bairros conimbricenses é Santa Clara que fica na margem esquerda do Mondego. É uma zona onde existem muitos fornos de cal, já extintos. Contudo, e em outros tempos, como nos diz a lenda, há um forno que é de todos o maior e sobre o qual é contada uma história.

O pajem da Rainha Santa Isabel teria que passar por esse forno e dizer umas palavras de ordem, as quais serviriam para que fosse agarrado e queimado no dito forno. Ele era uma pessoa de confiança, era aio da Rainha Santa, mas o rei Dom Dinis pretendia que ele fosse morto. Acontece que o aio do rei foi a esse forno, mas avisou os forneiros dizendo que por lá haveria de passar o aio da Rainha Santa, que deveria dizer certas e determinadas palavras e logo que acabasse de proferi-las, deviam agarrá-lo e queimá-lo. Mas acontece que o aio da Rainha em vez de se dirigir diretamente a Santa Clara e passar pelo forno, passou pelo Mosteiro de Santa Clara e foi orar. Demorou algum tempo. Neste, entretanto, o aio de Dom Dinis tinha ido no encalço dele, mas deixou de o ver. Quando se aproximou do forno e gozando com os homens do forno, balbuciou as palavras da ordem que o outro aio havia de ter dito. Como eles o não conheciam, agarraram-no e queimaram-no. Alguns minutos passados apareceu o pajem da Rainha Santa que disse as mesmas palavras. Constatou que eles o queriam agarrar; por sua vez, os forneiros verificaram que se haviam enganado queimando o pajem ou aio de Dom

Dinis no lugar do aia da Rainha Santa. A lenda atribui este facto a um milagre, mais um dos muitos que a Rainha Santa fez.

LENDA DE PEDRO E INÊS

Há muitos anos, no pequeno reino de Portugal, vivia um príncipe chamado Pedro. Pedro cresceu até que seus pais lhe pediram para casar com a bela e doce Constança, e o belo casamento aconteceu. Mas os príncipes não se amavam verdadeiramente como nos contos de fadas, pois Pedro não gostava verdadeiramente de Constança. O príncipe amava Inês de Castro, uma aia de sua esposa que a tinha vindo acompanhar.

Os anos passaram e Constança estava cada vez mais triste, até que um dia morreu ao dar à luz um bebé chamado Fernando. Depois de Constança morrer, Pedro e Inês ficaram juntos. Deste amor, nasceram quatro filhos, D. Afonso, D. Beatriz, D. Dinis e D. João.

O seu grande problema era D. Afonso IV não gostar de Inês. Por isso, a conselho dos seus homens, mandou executá-la, quando Pedro estava ausente. Quando Pedro chegou a casa da sua caçada, encontrou o seu amor caído no chão, já sem vida.

D. Pedro ficou destroçado, mas nem por isso cruzou os braços. Mandou matar os assassinos e ordenou que fossem construídos dois túmulos magníficos, um para Inês e outro para quando ele morresse, que foram colocados no belo Mosteiro de Alcobaça.

D. Pedro I estava mais velho, até que chegou a sua hora.

E assim foi... Os dois amados puderam finalmente dormir o sono eterno, frente a frente, nos braços do belo e encantado Mosteiro de Alcobaça.

CONCLUSÃO

Este estágio permitiu-nos conhecer e experimentar ferramentas de investigação usadas nas ciências sociais, ficando a compreender melhor o trabalho de investigador. Paralelamente, aprendemos mais sobre o turismo cultural e criativo, o impacto de ambos, bem como diferentes tipos de turismo e de turistas.



Desorientados: Eduardo Seabra, Matilde Santos, Sabrina Tavares, Sara Martins e Viviana Nunes.

Desorientador: Tiago Castro

Centro de Estudos Sociais – Coimbra, Setembro 2017